



A vez da Gestão e **qualidade** da formação **farmacêutica**

- Abenfarbio, com apoio do CFF, trouxe para o debate a gestão e a qualidade da formação farmacêutica.
- “O CFF conseguiu unir e catalisar as forças que poderiam agir em favor das transformações, o que resultou na agregação das especialidades farmacêuticas em uma só formação” (Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, na abertura da VI Conferência Nacional de Educação Farmacêutica).

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista.



Abertura da “VI Conferência Nacional de Educação Farmacêutica”: Drs. Lérida Vieira, Secretária-Geral do CFF; Danilo Caser, Presidente da Feifar; Magali Demoner, Conselheira Federal pelo Espírito Santo e Presidente da Comissão de Ensino do CFF; Carlos Cecy, Presidente da Abenfarbio; Jaldo de Souza Santos, Presidente do CFF; Ulisses Tuma, Presidente da SBAC; Radif Domingos, Coordenador do Cebrim; Amílson Álvares e Edson Taki, Vice-presidente e Tesoureiro do CFF.

Gestão e qualidade da formação farmacêutica.

Este foi o núcleo temático da VI CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA, realizada, de 6 a 9 de maio de 2009, no auditório do Hotel Nacional, em Brasília. O evento foi uma realização da Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico (Abenfarbio), com o apoio do Conselho Federal de Farmácia (CFF), através de sua Comissão de Ensino (Comensino). Apoio, também, da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas

(SBAC) e da Federação Interestadual de Farmacêuticos (Feifar).

Com a VI Conferência, a Abenfarbio e o CFF buscaram trazer para as discussões um dos pontos nevrálgicos relacionados ao ensino de Farmácia, que é a questão da qualidade da formação farmacêutica. Os dois órgãos entendem que, aí, repousa um grande feixe de problemas, e afirmam que a solução esteja, entre outros fatores, na boa gestão institucional e acadêmica.

Para a Abenfarbio e o CFF, é preciso que os cursos de Farmácia aperfeiçoem o gerenciamento do ensino que oferecem, sob pena os avanços conquistados pelo setor, por meio das Diretrizes Curriculares instituídas, em 2002, mergulharem em um retrocesso.





“Nós precisávamos discutir os processos avaliativos da qualidade e das metodologias inovadoras de ensino. É preciso entender que, hoje, o professor é um facilitador e não mais um transmissor de matérias. Como é possível a ele ser um facilitador? É possível, por meio de metodologias inovadoras cujo objetivo é a busca da qualidade na transmissão do conhecimento. Foi isso que abordaremos na VI Conferência”, declara o Professor Carlos Cecy (Paraná), Presidente da Abenfarbio.

PLANEJAMENTO - A questão da gestão, entendem os integrantes da Abenfarbio e da Comensino, pressupõe a elaboração de um planejamento realizado pelas instituições de ensino, levando-se em conta as orientações pedagógicas e as políticas públicas criadas pelo Ministério da Saúde, com vistas a atender à demanda do setor de saúde.

“O planejamento no ensino vem substituir o modelo clássico e centralizador pelo modelo *gestão por resultados*”, explica a Professora Zilamar Costa Fernandes, integrante da Comensino. Zilamar alerta para o fato de que administrar sem planejamento é o mesmo que “promover a desorientação”.

REORIENTAÇÃO - O Vice-Presidente da Abenfarbio, Professor Geraldo Alécio de Oliveira, fala de reorganização no setor: “Hoje, está havendo uma reorientação do ensino universitário, no mundo inteiro, inclusive de Farmácia”.

Ele continua: “No mundo moderno, ocorrem, a cada dez anos, mudanças estrutural, tecnológica, de hábitos, costumes e social. É algo cíclico. Isso exige farmacêuticos abertos a todas essas mudanças, o que só ocorre, por meio de uma formação adequada. Por conseguinte, os novos modelos de educação preveem uma formação dinâmica, de trabalho em equipe e em integração para, no caso do Brasil, atender à demanda social concentrada no SUS (Sistema Único de Saúde)”.

De sorte que a VI CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA pretendeu re-

Para a Abenfarbio e o CFF, é preciso que os cursos de Farmácia aperfeiçoem o gerenciamento do ensino que oferecem, sob pena os avanços conquistados, por meio das Diretrizes Curriculares, mergulharem num retrocesso.

(Redação)

farmacêutica. E aproveita para inserir o Conselho Federal de Farmácia no contexto das transformações que sacudiram o ensino farmacêutico.

Magali Demoner lembra que as mudanças que fermentaram a criação das Diretrizes Curriculares têm origem em recomendações da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), em 1992, para o ensino, no mundo inteiro. A entidade propunha que as instituições de ensino elaborassem projetos pedagógicos, de forma coletiva (com a participação da sociedade, do mercado empregador, dos sistemas de saúde, dos professores, alunos e outros participantes), para traduzir as necessidades de todos.

Em 1996, o Estado brasileiro deu uma resposta às propostas da Unesco, editando a Lei 9394, que acabou com os currículos mínimos e instituiu, em seu lugar, as Diretrizes Gerais. Seis anos depois, foram elaboradas – e publicadas pelo Ministério da Educação – as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Farmácia, consideradas por estudiosos do setor como uma revolução pedagógica.

Os trabalhos que levaram à proposta das Diretrizes foram produzidos nas primeiras edições da CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA (Veja nesta matéria a cronologia e os temas de cada Conferência). As discussões sobre as mudanças e a elaboração da proposta tiveram como fórum a Conferência.

mexer o terreno irregular da gestão e da qualidade da formação farmacêutica, com vistas a consolidar as conquistas que se iniciaram na I Conferência, realizada, em Brasília, em 2000.

HISTÓRIA - A Presidente da Comissão de Ensino do CFF, Professora Magali Demoner Bermond, Conselheira Federal de Farmácia pelo Espírito Santo, evoca a história recente do ensino farmacêutico brasileiro para justificar a necessidade de se buscar gestão e qualidade da formação



“A participação do CFF foi fundamental na elaboração da proposta das Diretrizes Curriculares, pois o órgão criou o espaço para o debate entre todos envolvidos com o ensino”, lembra a Professora Magali Demoner. Segundo ela, o Conselho Federal não teve responsabilidade apenas na deflagração do processo de debates, mas, também, no acompanhamento do ensino, após a implementação do novo modelo.

Mesmo não tendo obrigação legal, mas apenas um amparo na Lei 3820/60, que cria os Conselhos Federal e Regionais de Farmácia, o CFF, a partir de 1996, passou a incorporar a responsabilidade de zelar pelo ensino, com vistas a que os farmacêuticos tivessem uma formação com qualidade para, assim, prestar bons serviços à sociedade. Quem lembra é a própria Magali Demoner.

ATRASO - A Conferência e outros eventos paralelos (o Encontro de Coordenadores de Cursos de Farmácia e o Fórum Farmacêutico) fizeram parte de uma política do CFF, criada pelo seu Presidente, Jaldo de Souza Santos, para acelerar a marcha das mudanças. “O ensino de Farmácia trazia um profundo atraso em relação ao seu próprio tempo. Era um atraso de naturezas pedagógica, de conteúdo e de prática que não poderia mais continuar”, argumenta Souza Santos.

Diz ainda que todos os envolvidos com o setor gritavam por mudanças, mas não dispunham do veículo para debatê-las. “Nós criamos o veículo. O seu nome é CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA. Agora, todo o nosso esforço é no sentido de fazer o novo modelo de ensino ser consolidado”, enfatiza o Presidente do CFF. Ele acrescenta que o CFF tem feito de tudo para disponibilizar as condições para que as Universidades discutam o ensino farmacêutico, entendam a filosofia das Diretrizes e se adaptem às mesmas.

Na abertura da VI Conferência, na manhã do



Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos: “CFF catalisou a marcha das mudanças no ensino”.

dia 06 de maio de 2009, Dr. Jaldo reiterou que o Conselho Federal de Farmácia sofreu um processo de evolução e trouxe para si responsabilidades com a qualidade do ensino farmacêutico. E conseguiu unir as forças que agiriam no processo de transformações e catalisar a marcha das mudanças. “O CFF conseguiu agregar as especialidades farmacêuticas em uma só formação, o que significou uma grande atualização do ensino com o tempo presente”, concluiu.

DESAFIOS E MODELO - Nesse sentido, o Conselho Federal de Farmácia produziu um apurado estudo, publicado em livro, denominado “Os Desafios da Educação Farmacêutica, no Brasil”. Nele, o órgão expõe os pontos que dificultam a adequação dos cursos de Farmácia ao que preconizam as Diretrizes Curriculares. Segundo o estudo, os pontos mais críticos são a heterogeneidade e as discrepâncias presentes na construção dos currículos. Alguns currículos sequer contemplam áreas, como Alimentos, Análises Clínicas e Toxicológicas, além dos conteúdos das áreas de humanas e sociais.

O estudo revela, ainda, a falta de infra-estrutura que garanta um bom ambiente de aprendizagem nos cursos, a exemplo da carência de bibliotecas, de farmácias-escola, de hospitais-escola, de laboratórios-escola e de outros equipamentos recomendados pelas Diretrizes como peças fundamentais para o bom aprendizado.

Outro estudo do CFF, também convertido em livro, leva o título de “Modelo Referencial de Ensino para uma Formação Farmacêutica com Qualidade”. Neste trabalho, o Conselho Federal oferece aos leitores um modelo a ser seguido pelas instituições de ensino. A publicação é sortida de estratégias para garantir a adesão das instituições de ensino às mudanças.

Na publicação “Modelo Referencial...”, o CFF apresenta como fundamental para as instituições adequarem-se às exigências preconizadas pelas Diretrizes a produção de um rigoroso planejamento de curso, definindo inclusive os conteúdos para as três áreas (Medicamentos, Alimentos e Análises Clínicas e Toxicológicas) e estabelecendo a infra-estrutura laboratorial mínima para o desenvolvimento do ensino a ser oferecido.



VI CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA

ABENFARBIO - A Associação Brasileira de Ensino Farmacêutico e Bioquímico (Abenfarbio) é composta pelos farmacêuticos professores Carlos Cecy, Presidente (Paraná); Geraldo Alécio de Oliveira, Vice-presidente (São Paulo); Eula Maria de Melo Barcelos Costa, Secretária-Geral (Goiás); Ilza Martha de Souza, Primeira Secretária (Mato Grosso); Hemerson Bertassoni Alves, Tesoureiro (Paraná); e Paulo Roberto Haidamus de Oliveira Bastos, Primeiro Tesoureiro (Mato Grosso do Sul).



Carlos Cecy



Geraldo Alécio



Eula Maria



Ilza Martha



Hemerson Bertassoni



Magali Demoner



Ely Eduardo Saranz



Carlos Cecy



Nilsen Carvalho



Zilamar Costa

COMENSINO - Já a Comissão de Ensino (Comensino) do CFF reúne os seguintes integrantes, todos farmacêuticos e professores: Magali Demoner Bermond (Espírito Santo), Presidente; Ely Eduardo Saranz Camargo (São Paulo), Carlos Cecy (Paraná), Nilsen Carvalho Fernandes de Oliveira Filho (Rio Grande do Norte) e Zilamar Costa Fernandes (Rio Grande do Sul).

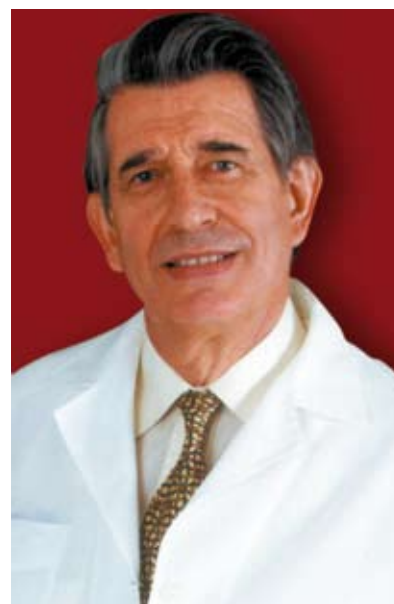
Cronologia da Conferência

- **I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA**
Foi realizada, em Brasília (todas as edições aconteceram, na Capital Federal), de primeiro a quatro de agosto de 2000, e teve o seguinte tema: "Atualizar o Ensino Farmacêutico em Atendimento às Necessidades de Saúde Individual e Coletiva". O evento abrigou, em sua vasta programação, outros temas que estavam na lista de prioridades do setor, como "A elaboração de um projeto pedagógico para a melhoria da qualidade do ensino" e a "Acreditação e validação dos cursos de Farmácia, no Brasil".
- **II CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA**
Realizada, em outubro de 2001. Teve como tema central a "Avaliação Institucional e Capacitação Profissional".
- **III CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA**
Em Brasília, em dezembro de 2002. A sua programação girou em torno do tema "A Educação Farmacêutica e suas Transformações".
- **IV CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA**
Realizou-se, em Brasília, em outubro 2004, e o tema foi "Paradigmas da Nova Educação Farmacêutica".
- **V CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FARMACÊUTICA**
Realizou-se, em abril de 2008, em Brasília, tendo por tema "A Formação Farmacêutica em Tempos de Mudanças".

O ensino e o futuro profissional do farmacêutico

Gustavo Baptista Éboli,

Professor Universitário, Ex-Presidente do Conselho Federal de Farmácia.



Gustavo Baptista Éboli, Professor Universitário e Ex-Presidente do CFF.

Parece óbvio que a atividade profissional está na direta dependência da formação do aluno. E, no Brasil, identificam-se cursos exemplares de Farmácia e outros nem tanto assim. O CFF (Conselho Federal de Farmácia), como autarquia que tem como função primordial proteger o recebedor da prestação profissional na área farmacêutica, vem priorizando uma política de fiscalização corretiva, mais dirigida aos cursos formadores do que propriamente ao egresso que, ainda, recebe inscrição e habilitação nos CRFs (Conselhos Regionais de Farmácia), sem a necessidade de um exame de proficiência.

A Semana Acadêmica de Farmácia da Universidade de Caxias do Sul, no mês de abril de 2009, questiona a sua própria formação com o tema "Generalista ou generalismo?". Observa-se uma inquietação muito grande, nos meios acadêmicos, com a preparação para as 65 possibilidades de exercício profissional atualmente propagadas.

Pois, nesta ótica, tive uma agradável surpresa. A Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), tradicional instituição gaúcha que, na avaliação do MEC (Ministério da Educação), em Setembro de 2008, foi consi-

derada a primeira universidade particular do Rio Grande do Sul e a terceira melhor particular do Brasil, entendeu implantar o seu Curso de Farmácia, no ano em que festeja os seus 40 anos como Universidade.

Tive o imenso prazer e a honra de ser convidado para participar da cerimônia de instalação do mesmo e, depois do pronunciamento do Reitor Padre Jesuíta Marcelo Fernandes de Aquino e de outras autoridades acadêmicas, proferir a aula inaugural aos alunos do novo curso profissional.

Ao prepará-la, fui conhecer o elenco das disciplinas distribuídas em seus dez semestres letivos. E encontrei um moderno conteúdo, o que muito me impressionou e entusiasmou. Lembro dos meus tempos acadêmicos, quando o Curso de Farmácia orgulhava-se de estar apoiado em duas bases fundamentais: as ciências exatas e as ciências biológicas. Na configuração deste novo curso, eu poderia acrescentar, no mínimo, mais as ciências sociais e as ciências econômicas.

Encontrei, em cada semestre, uma denominação própria, em que as disciplinas se encontram distribuídas: 01- Homem,

Saúde, Ética e Sociedade; 02- Os organismos vivos e suas bases celulares e orgânicas; 03-A química molecular e os processos bioquímicos do homem; 04-As interações moleculares do homem, das plantas e dos fármacos; 05- Os processos produtivos, articulando saúde, Farmacologia e gestão empreendedora no mundo globalizado; 06- Assistência à comunidade, relacionando medicamentos e processo saúde-doença; 07- A produção de medicamentos, as operações farmacêuticas e o ambiente hospitalar; 08- A tecnologia industrial, a ciência cosmética e o perfil gestor e empreendedor; 09- Fitoterápicos, qualidade e desenvolvimento biotecnológico; 10 - As práticas profissionais e a produção técnico-científica.

Entre as atividades acadêmicas complementares, porém optativas, destacamos: Biofarmácia, Pesquisa de Fitofármacos e Cosmecêuticos, Síntese de Fármacos, Métodos Espec-

ARTIGO

trocópicos e Sistemas Nano-estruturados.

A par das disciplinas tradicionais, me chama a atenção: Fundamentos Antropológicos, Saúde coletiva, Físico-química de eletrólitos, Interações metabólicas, Química dos alimentos, Nutracêuticos e alimentos funcionais, Análise e Controle de Alimentos e Suporte Nutricional, A América Latina e a Saúde Pública, Gestão e Empreendedorismo em Farmácia. Enfim, um equilíbrio de conteúdos para quem recebe uma formação para as Análises Clínicas, Alimentos, e Medicamentos.

Frustrou-me apenas, a exemplo da maior parte dos Cursos de Farmácia que conheço, o fato de não haver uma projeção maior no campo da genética, como em outros tempos assisti com a área de alimentos. Além da diagnose laboratorial, a Farmácia, na era pós-genômica, está abrindo um vasto e atualizado campo profissional.

São cerca de 800 genomas,

incluindo vírus, bactérias, fungos, plantas, animais e o próprio homem. Há tecnologias que permitem sequenciar qualquer genoma, e o desafio do momento é a transformação disso em inovadoras intervenções farmacológicas. Os medicamentos biológicos ou biofármacos, ao contrário dos fármacos de síntese química, são produzidos, direta ou indiretamente, por células vivas, através da biotecnologia. E daí entender que nos cursos de Farmácia os conteúdos de genética oferecidos devem ser revisados e ampliados.

Lembro que na moderna Farmacologia, o ramo da farmacogenética - para alguns, farmacogenômica - estuda a relação entre genomas e a resposta aos medicamentos. Os novos conhecimentos sobre o funcionamento do genoma, tanto o humano, como os de micro-organismos patogênicos para o homem, estão a possibilitar novos alvos terapêuticos com fármacos mais seletivos.

E se torna óbvia a conveniência que os egressos dos Cursos de Farmácia já estejam “familiarizados” com esta perspectiva de personalização dos medicamentos. Se o farmacêutico não estiver preparado para assumir seu posto nesta área que lhe diz respeito, corre o risco de ver surgir, quem sabe, um engenheiro de medicamentos, “expert” em genética e fármacos, referenciando o que já ocorreu, há algum tempo, na área de alimentos.

Neste mês de maio, será realizada, em Brasília, a VI Conferência Nacional de Educação Farmacêutica, mais um encontro nacional dos educadores em Farmácia, quando sempre se renova a expectativa de melhores horizontes para o ensino farmacêutico. Entretanto, sempre, é bom lembrar que “generalista” é a competência para o amplo exercício profissional e que os cuidados para uma plena e consistente formação permanecem como ingrediente indispensável e fundamental.



Destaque-se no mercado de trabalho

» Atualização a Distância::

- Atenção Farmacêutica - 180 h (3ª Turma)
- Farmacologia Clínica - 180 h (6ª Turma)
- Farmacologia e Manipulação Oncológica - 90 h (2ª Turma)
- Gestão Estratégica de Farmácias com Foco em Resultados - 180 h
- Manipulação Farmacêutica e Cosmética - 180 h
- Marketing e Visitação Médica - 20 h

+ Rápido, Seguro, Prático e Confiável

Inscrições Abertas!

» Pós-graduação::

- Farmacologia Clínica (8ª turma)
- Manipulação Farmacêutica e Cosmética (2ª Turma)

» Atualização Presencial::

- Gestão Estratégicas de Farmácias com Foco em Resultados - 80 h (2ª Turma)
- Atenção Farmacêutica - 80 h

Vagas Limitadas

Av. Nossa Senhora da Penha,
1945 - Ed. Corporate Center,
Torre B, Sala 811 - Santa Lúcia -
Vitória - ES - Cep: 29045-401

Tel: (27) 3225-4044
(27) 9870-3419

www.ethosfarma.com.br
ethosfarma@ethosfarma.com.br



ETHOSFARMA
- INSTITUTO DE ENSINO -